

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



COPARENTALIDADE E ESTILOS PARENTAIS EDUCATIVOS
EM CONTEXTO RURAL E URBANO

Carina Maia Marques

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



COPARENTALIDADE E ESTILOS PARENTAIS EDUCATIVOS
EM CONTEXTO RURAL E URBANO

Carina Maia Marques

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

Agradecimentos

Neste espaço quero agradecer a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais, irmã e família, que nunca me deixaram desistir e me fazem sorrir todos os dias. Que sempre se mostram disponíveis para ouvir os meus desabafos e conquistas.

Ao meu namorado por todo o apoio que me tem dado e pela paciência e compreensão que tem tido comigo.

À Professora Doutora Marta Pedro por todo o apoio, compreensão e disponibilidade que revelou para comigo. Por todas aprendizagens que me permitiu, sem a sua sabedoria e experiência, certamente seria difícil eu chegar aqui. Ela depositou em mim confiança e foi essa confiança que me fez chegar até aqui e poder dizer: *consegui!*

Às minhas grandes amigas, Inês, Cátia, Márcia, Cátia, Margarida e Flávia, por todos os momentos partilhados ao longo destes cinco maravilhosos anos. Com elas nunca me senti só, com elas foi difícil estar triste e muito fácil sorrir. Em especial a Cátia, a Márcia e a Bárbara que me ajudaram a acreditar em mim e nas minhas capacidades e por toda a disponibilidade que revelaram para me ajudar nesta dissertação.

À Alda e à Patrícia pelo seu apoio nesta etapa da minha vida.

À minha amiga de infância Cláudia pela amizade e disponibilidade para ouvir os meus desabafos.

À minha querida família sistémica, jamais esquecerei todas as aprendizagens que o contacto com cada um dos seus elementos me permitiu. Com as Professoras Isabel Narciso, Maria Teresa Ribeiro e Rita Francisco, foi fácil aprender e acima de tudo acreditar que cada uma de nós conseguiria vencer. Obrigada por toda a confiança depositaram em nós!

E ainda... a todos a que de uma forma mais ou menos directa contribuíram para que eu seja a pessoa que sou hoje.

Resumo

No presente estudo foi investigada a relação entre a coparentalidade (cooperação, conflito e triangulação) e os estilos parentais educativos (autoritário e autoritativo), considerando o papel do contexto (rural/ urbano) como mediador dessa relação. Participaram na investigação, um total de 200 casais (100 residentes em contexto rurais e 100 residentes em contexto urbano) casados ou em união de facto, com filhos pré-adolescentes com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos. Para recolha de dados foram utilizados os seguintes questionários: questionário sócio-demográfico, o Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP, Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; versão portuguesa de Pedro, Ribeiro, & Carapito, 2013) e o Questionário de Coparentalidade (QC, Margolin, Gordis & John, 2001; versão portuguesa de Pedro & Ribeiro, 2013). Os resultados mostraram relação entre a coparentalidade e os estilos parentais autoritário e autoritativo, em ambos os progenitores. A cooperação foi associada positivamente com o estilo parental autoritativo e negativamente com estilo parental autoritário. O conflito coparental foi associado positivamente com o estilo parental autoritário e negativamente com o estilo parental autoritativo. Apesar de existir relação entre a coparentalidade e os estilos parentais educativos, contexto (rural/ urbano) não revelou moderar essa relação.

Palavras-chave: Coparentalidade, Estilo Parental Educativo, Pré-adolescência, Contexto Rural, Contexto Urbano

Abstract

In this study, was investigated the relationship between coparenting (cooperation, conflict and triangulation) and the educational parenting styles (authoritarian and authoritative), taking into consideration the role of the context (rural/urban) as a mediator of that relationship. In the investigation participated a total of 200 couples (100 living in the rural context and 100 living in urban context), married or unmarried partners), with pre-adolescent children between 9 and 13 years old.

To data collection, were used the following questionnaires: socio-demographic questionnaire “The Questionnaire of Dimensions and Parenting Styles (QDEP, Robinson, Mandlco, Olsen & Hart, 2001; Portuguese version of Pedro, Ribeiro & Carapito, 2013) and the “Questionnaire of Coparenting” (QC, Margolin, Gordis & John, 2001; Portuguese version of Pedro & Ribeiro, 2013).

The results show relationship between coparenting and the parenting styles authoritarian and authoritative, in both parents. The cooperation was positively associated to the authoritative parenting style and negatively associated to the authoritarian one. The coparenting conflict was positively associated with the authoritarian parenting style and negatively with the authoritative parenting style. Although there is a relationship between coparenting and the educational parenting styles, the context (rural/urban) doesn't seem to moderate that relationship.

Key Words: Coparenting, Educational Parenting Style, Pre-Adolescence, Rural Context, Urban Context

ÍNDICE GERAL

Índice de Tabelas.....	v
Índice de Figuras.....	vi
Introdução.....	1
Método.....	9
Resultados.....	13
Discussão.....	20
Referências.....	24

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Características socio-demográficas da população rural.....	31
Tabela 2 - Características socio-demográficas da população urbana.....	32
Tabela 3 - Intercorrelações entre dimensões de coparentalidade e estilos parentais nos pais.....	14
Tabela 4 - Intercorrelação entre dimensões de coparentalidade e estilos parentais nas mães.....	15

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - O modelo conceptual proposto a representar o contexto enquanto moderador da relação entre a coparentalidade e os estilos parentais na mãe	16
Figura 2 - O modelo conceptual proposto a representar o contexto enquanto moderador da relação entre a coparentalidade e os estilos parentais no pai.....	17
Figura 3 - Modelo a representar o efeito de moderação da população na mãe.....	17
Figura 4 - Modelo a representar o efeito de moderação da população na pai.....	18
Figura 5 - Modelo a representar a relação entre coparentalidade e o estilo parental (autoritativo) na mãe.....	18
Figura 6 - Modelo a representar a relação entre coparentalidade e o estilo parental (autoritativo) no pai.....	19
Figura 7 - Modelo a representar a relação entre coparentalidade e o estilo parental na mãe (autoritário).....	19
Figura 8 - Modelo a representar a relação entre coparentalidade e o estilo parental na mãe (autoritário).....	20

INTRODUÇÃO

A família evolui ao longo do tempo, passa por várias etapas, e tem como funções primordiais o desenvolvimento e protecção dos seus membros, bem como a socialização dos mesmos (Bronfenbrenner, 1979; Minuchin, 1990). Segundo Soifer (1982), a família relaciona-se com a sociedade e dela recebe influências. As tarefas de desenvolvimento da família, compreendem não só as características individuais dos elementos que a compõem, como a pressão social para o desempenho adequado de tarefas essenciais à continuidade funcional da família (Relvas, 1996).

A parentalidade refere-se ao conjunto de acções desempenhadas pelas figuras parentais junto dos filhos, com o intuito de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando os recursos de que dispõe dentro da própria família e, fora dela, na comunidade (Cruz, 2005). Quanto aos papéis parentais concretizam-se em função das necessidades particulares dos filhos e procuram responder positivamente às expectativas sociais atribuídas aos pais, enquanto educadores. (Relvas, 1996)

Bronfenbrenner (1979) considera o indivíduo, um ser activo e dinâmico em constante interacção, directa ou indirecta, com os contextos em que se insere, também eles dinâmicos e interactivos. Partindo desta perspectiva ecológica, de que as acções do indivíduo recebem influências do contexto quem ele se insere, o exercício da parentalidade poderá também ser influenciado pelo contexto. O presente estudo insere-se numa investigação de conteúdo mais amplo, que contempla o estudo da relação entre a coparentalidade, o apoio social percebido e os estilos parentais em diferentes contextos.

No caso concreto desta investigação, o objetivo passa pelo estudo da relação entre a coparentalidade (cooperação, conflito e triangulação) e os estilos parentais educativos (autoritário e autoritativo), considerando o papel do contexto (rural/ urbano) como mediador dessa relação.

Seguidamente, será apresentada a dissertação em formato de artigo científico.

COPARENTALIDADE E ESTILOS PARENTAIS EDUCATIVOS EM CONTEXTO RURAL E URBANO

A influência dos estilos parentais educativos no ajustamento sócio-emocional e no desempenho escolar da criança e do adolescente encontra-se bem estabelecida na literatura da parentalidade (Aunola, Stattin, & Nurmi, 2000; Grolnick & Ryan, 1989; Kandel, 1990; Steinberg, Mounts, Lamborn & Dornbusch, 1991). De igual modo, várias evidências empíricas comprovam que a existência de uma coparentalidade positiva exerce um papel importante no comportamento parental em geral, promovendo práticas e estilos parentais mais adequados ao desenvolvimento da criança e do adolescente (Abidin, 1992; Cohen & Weissman, 1984; Gable, Crnic & Belsky, 1994; Feinberg, 2003), bem como preditor de um melhor ajustamento e desenvolvimento da criança e do adolescente (Bearss & Eyberg 1998, citado por Konold & Abidin, 2001); Woodworth, Belsky, & Crnic, 1996; Fincham 1994; Floyd, Gilliom & Costigan, 1998; Konold & Abidin, 2001). Segundo Fauber, Forehand, Thomas, & Wierson (1990) a influência da relação interparental no ajustamento dos filhos ocorre através da influência sobre as práticas parentais.

Outra influência relevante para o exercício da parentalidade prende-se com o contexto onde os pais residem (Cummings, Davies & Campbell, 2002). Contudo, apesar de vários autores reconhecerem a importância dos contextos sociais no comportamento parental (Belsky, 1984; Brofenbrenner, 1979; Caughy, Brodsky, O'Campo & Aronson, 2001), a relação entre a parentalidade e o contexto onde a família se insere parece ser pouco clara. Em particular, apesar dos contextos rural e urbano serem dois ambientes distintos em que ocorre o desenvolvimento humano (Crockett, Jackson-Newsom, & Shanahan, 2000) a parentalidade nestes dois contextos tem sido pouco investigada, havendo um conhecimento reduzido acerca das diferenças que poderão existir ao nível do comportamento parental na população rural e urbana (Tendulkar, Buka, Dunn, Subramanian, & Koenen, 2010). Consistente com estas suposições, alguns estudos mostram que o contexto em que a família se insere tem influência nas práticas parentais (Gonzales, Cauce, Friedman, & Mason, 1996; Duncan, Brooks-Gunn, & Klebanov, 1994). Contudo estas investigações tendem a concentrar-se mais em áreas urbanas do que em áreas rurais (Brown, Copeland, Costello, & Worthman, 2009). Por outro lado, pouco ainda se sabe sobre a relação entre a coparentalidade e o contexto (rural ou urbano) onde residem as figuras coparentais (Duncan et al., 1994), e menos ainda sobre

as diferenças que poderão existir na relação específica entre coparentalidade e estilos parentais, em contexto rural e urbano. O presente estudo pretende, assim, contribuir para colmatar esta lacuna na literatura, investigando a relação entre a coparentalidade e os estilos parentais educativos em áreas rurais e urbanas.

Contexto rural, coparentalidade e estilos parentais

Segundo o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979; Bronfenbrenner & Morris, 1998), o comportamento de cada pessoa não pode ser interpretado à margem do contexto em que surge. Assim, o meio onde vivem e com o qual se relacionam os filhos, influencia o comportamento dos pais. Neste sentido, o modelo dos determinantes do comportamento parental de Belsky (1984, 1993), seguindo uma perspectiva sócio-contextual e ecológica, é uma referência fundamental. Belsky destaca três determinantes principais que parecem influenciar as práticas parentais: os factores individuais de cada um dos pais, as características individuais da criança e os factores do contexto social alargado onde a relação progenitor-criança se encontra inserida.

Relativamente ao contexto rural em particular, ainda que não exista um consenso quanto à conceptualização de espaço “rural”, no presente estudo considera-se a definição utilizada pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico). Os espaços “rurais” são definidos pela União Europeia como territórios que apresentam um conjunto de particularidades (físicas, económicas e socioculturais) relativamente a outro tipo de territórios. Mais concretamente, a União Europeia considera como espaços rurais pequenas unidades administrativas com um número de habitantes inferior ao registado nas cidades, com limites populacionais de 10 000 habitantes (no caso de Portugal) (OCDE, 1994; OCDE, 1996).

A relação progenitor-criança está inserida em vários contextos sociais, com características nas quais existe uma variedade de mecanismos pelos quais estas podem influenciar a parentalidade e os resultados do desenvolvimento da criança (Besky, 1984; Bronfenbrenner, 1979). O efeito de socialização dos padrões normativos do modo de criar os filhos é um dos efeitos mais diretos do contexto na parentalidade (Caughy et al., 2001). Por exemplo, Caughy, Brodsky, O’Campo & Aronson (2001), quando avaliaram as influências comunitárias nas percepções que os pais tinham da sua parentalidade, verificaram que quando comparadas as características individuais dos pais com as que as características da comunidade, as segundas sobrepunham-se às primeiras. No entanto, embora as características do contexto possam exercer efeitos únicos em diferentes

comportamentos parentais (Leventhal, Fauth, & Brooks-Gunn, 2005), essa relação tem sido pouco estudada (Pinderhughes, Nix, Foster, & Jones, 2001).

Ainda assim, apesar da importância que é dada na literatura à influência do contexto na parentalidade, são poucos os estudos que têm em conta local onde residem os pais em particular, se vivem num contexto rural ou urbano (Lerner, Noh & Wilson, 1998). Sublinhando esta lacuna na literatura, Elias & Huey (2009) sugeriram, mais recentemente, o estudo comparativo da parentalidade tendo como base no local onde vivem os progenitores (rural ou urbano), como um área futura de estudos importante.

Evidências empíricas revelam que a família é mais valorizada no contexto rural comparativamente ao contexto urbano (Imig, 1983). Straus (1960) comprovou que as crenças tradicionais das comunidades rurais podem ser explicadas pela presença de fortes laços de parentesco. Por outro lado Coleman, Ganong, Clark & Madsen (1989) comprovaram que, nas comunidades rurais, existe entre membros da família, um contato mais frequente, um padrão que limita a número de interações e contatos sociais fora da família. Neste sentido, evidências empíricas indicam que interação limitada com contatos sociais fora da família conduz a uma maior rigidez de hábitos e opiniões e um maior conservadorismo (Willits & Bealer, 1963). Por outro lado, outros estudos revelam que nas famílias urbanas existe um maior e mais diversificado contato social fora da família, sendo que os pais estão expostos a uma maior variedade de crenças e valores na comunidade onde estão inseridos (Coleman et al., 1989; Miller & Crader, 1979). No entanto, a maioria dos estudos tende a concentrar-se mais no contexto urbano e menos no contexto rural (Brown et al., 2009). Uma exceção a salientar é estudo comparativo das práticas parentais nos contextos urbano e rural de alto risco de Pinterhughes, Nix, Foster & Jones (2001). Neste estudo, constatou-se que a etnia e o local de residência, as características da comunidade e o contexto familiar influenciavam o afeto parental e uma disciplina apropriada e consistente. Mais especificamente, os resultados deste estudo mostraram que os fatores que afetam os comportamentos parentais funcionam de maneiras semelhantes no contexto urbano e rural (Pinterhughes et al., 2001).

Contudo, a influência do contexto rural e urbano no que toca especificamente aos estilos parentais educativos tem sido pouco investigada, pelo que o presente estudo, pretende colmatar essa lacuna, investigando comparativamente os estilos parentais educativos no contexto rural e urbano.

Estilo parental é definido por Darling e Steinberg (1993), como um conjunto de atitudes dos pais que criam um clima emocional em que se expressam os seus

comportamentos. Os estilos parentais educativos incluem não só práticas parentais (elogios, gritos, punições etc.) como ainda outros aspectos da interacção pais-filhos (as) (e.g., tom de voz, a linguagem corporal). Baumrind (1967, 1971) identifica três tipos de estilos de parentais educativos: autoritativo, autoritário e permissivo. De uma forma geral, o estilo parental autoritativo abrange pais que são não só exigentes, mas também responsivos, que utilizam o reforço positivo, aplicam regras claras e consistentes e exercem um controlo firme de forma racional valorizando tanto a obediência como a autonomia dos seus filhos. No estilo autoritário, os pais combinam características de elevado controlo e baixo níveis de afetividade, são pais muito exigentes, rígidos, hostis, pouco responsivos. Por sua vez, os pais de estilo permissivo são mais responsivos do que exigentes, manifestam muito afeto e envolvimento, bem como poucas regras e limites.

No que diz respeito à coparentalidade, esta pode ser definida como a forma como os pais coordenam entre si os seus papéis parentais, como se apoiam um ao outro ou não, e como gerem entre os dois o conflito face à educação dos filhos, ou seja, é a responsabilidade conjunta pelo bem-estar de uma criança (Feinberg & Kan, 2008; Van Egeren & Hawkins, 2004). Apesar de terem sido propostos diferentes modelos teóricos de coparentalidade (e.g. Feinberg, 2002), o presente estudo baseia-se no modelo de Margolin, Gordis, & John (2001). Este modelo considera que a coparentalidade é constituída por três dimensões principais: o conflito, a cooperação e a triangulação. O conflito diz respeito à quantidade de conflito entre as figuras parentais em torno de questões relativas à parentalidade. A cooperação refere-se aos níveis de suporte, apreço e respeito que cada um dos pais tem pelo outro. A cooperação reflecte um sentimento comum das responsabilidades dos pais e a garantia de que o outro pai é fisicamente e emocionalmente disponível para a criança. Por sua vez, a triangulação diz respeito a uma coligação entre um dos pais e o filho, que leva à exclusão do outro pai. Esta dimensão está associada a elevados níveis de conflito interparental e retrata a extensão em que um dos pais incentiva o desrespeito da autoridade do outro pai por parte do filho, dificultando que esse pai participe na educação do filho.

Feinberg (2003) apresenta uma visão ecológica da coparentalidade, abordando-a como um processo familiar que exerce influência e é influenciado por factores externos à própria relação coparental. Contudo, ainda que tenha vindo a registar-se um relevante interesse empírico pela coparentalidade (e.g. Feinberg, 2002; Frosh, Mangelsdork, & McHale, Kuersten-Hogan, Lauretti, & Rasmussen, 2000; Van Egeren & Hawkins,

2004), poucos são os estudos que têm em conta os contextos em que a relação coparental ocorre, investigando diferenças na coparentalidade relativas ao contexto. Uma exceção corresponde ao estudo de Shook (2008), que investigou a coparentalidade em famílias norte-americanas rurais e urbanas e verificou a presença de níveis mais elevados de apoio coparental nas famílias urbanas. Segundo a autora, este resultado vai de encontro a evidências empíricas anteriores de que no contexto urbano existe um maior controlo por parte das mães, em resposta ao aumento dos perigos (violências, consumo de drogas, criminalidade) a que os filhos estão expostos nesse contexto (Armistead, Forehand, Brody, & Maguen, 2002; Jones, Forehand, O'Connell, Armistead, & Brody, 2005). Shook (2008) concluiu que as mães separadas procuram muitas vezes o apoio aos pais dos filhos, como forma de neutralizar os efeitos prejudiciais da comunidade, o que vai de encontro a evidência empírica de que o apoio social pode promover uma parentalidade mais eficaz (Jones et al., 2005) em famílias urbanas.

Assim, apesar das evidências (ainda escassas) que demonstram o impacto do contexto rural ou urbano na coparentalidade, esta área ainda precisa de ser explorada, sobretudo ao nível da influência do contexto rural e urbano em diferentes dimensões, positivas e negativas, da coparentalidade.

A relação entre coparentalidade e estilos parentais educativos

Vários estudos demonstram a relação existente entre a qualidade da coparentalidade e a qualidade da parentalidade (Caldera & Lindsey, 2006; Lindsey & Mize, 2001). Mais concretamente, o conflito interparental influencia o comportamento parental, originando práticas parentais mais negativas (Burman & Margolin, 1987), tais como a diminuição de consistência e o aumento da parentalidade crítica (Fauber, Forehand, Thomas, & Wierson, 1990). Os pais que são hostis um com o outro podem ser educadores inconsistentes, não estruturados, indiferentes aos comportamentos de seus filhos. A falta de acordo e diferentes estratégias de parentalidade entre os progenitores evidenciam-se no conflito coparental, podendo potenciar uma parentalidade negativa (Hetherington, 1979; Holden & Ritchie, 1991). A falta de acordo na relação coparental impossibilita o uso de estratégias de disciplina semelhantes e/ou a imposição de regras semelhantes entre as figuras coparentais. Esta inconsistência na parentalidade entre progenitores pode ser uma consequência da falta de comunicação interparental devido à negatividade associada ao seu conflito conjugal (Stoneman,

Brody, & Burke, 1989) e pode levar ao exercício de comportamentos parentais negativos (Conger, Ge, Elder, Lorenz, & Simons, 1994; Hetherington & Clingempeel, 1992; Fauber et al., 1990; Patterson, 1982). Quanto à relação entre a coparentalidade e uma parentalidade positiva, Abidin e Brunner (1995) no seu estudo mostram que existe uma correlação positiva e significativa entre coparentalidade e o estilo autoritativo, em ambos os progenitores. Deste modo, a coparentalidade positiva parece ter influência no investimento e no exercício de uma parentalidade positiva. Já a coparentalidade negativa parece ter influência no desinvestimento na relação-pais filhos e no exercício de uma parentalidade negativa (Vaughn, 2000).

Os vários estudos que comprovam a associação entre coparentalidade e parentalidade fornecem evidência a favor da denominada hipótese *spillover* (Engfer, 1988; Erel & Burman, 1995). A hipótese *spillover* diz respeito à transferência de afecto e comportamentos da relação conjugal para a interacção pais-filhos. Segundo esta hipótese, a presença de dificuldades na díade conjugal perturba o bem-estar dos pais e leva a consequentes práticas parentais negativas. Evidências empíricas revelam que a coparentalidade pode mediar a associação entre a qualidade conjugal e a parentalidade (Floyd, Gilliom, & Costigan, 1998; Margolin et al., 2001). A coparentalidade é preditiva do relacionamento entre pais e filhos, segundo Morril, Mahmood & Córdova (2010) a qualidade conjugal influencia a coparentalidade, que por sua vez tem influência nas práticas parentais. Assim segundo a hipótese de *spillover* no subsistema coparental, o efeito positivo do casal e a colaboração entre os seus elementos, permite a coordenação e cooperação nos cuidados dos filhos.

Apesar de estabelecida entre a literatura a relação entre a coparentalidade e as práticas e estilos parentais, falta estudar como se manifesta essa relação em contexto rural e urbano, e é esse objectivo do presente estudo.

Pré-adolescência: desafios à parentalidade

A pré-adolescência é um período marcado por várias mudanças ao nível biológico, social e familiar do jovem (Gutman & Eccles, 1999). Segundo Alarcão (2002), esta etapa do ciclo de vida da família, exige um constante equilíbrio entre as exigências do sistema familiar e os desejos de cada membro da família. As mudanças que caracterizam a pré-adolescência provocam alterações nas relações familiares e na identidade pessoal, exigindo que a estrutura familiar se adapte às mesmas (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000; Steinberg, 2001). Esta fase do

ciclo de vida marca uma importante mudança no desenvolvimento das relações parentais (Langhout, Osborne, & Rhodes, 2004). Para os pais, a pré-adolescência é a fase mais desafiante e difícil com que têm de lidar (Steinberg & Silk 2002; Buchanan, Eccles, Flanagan, Feldlaufer, & Harold, 1990). Educar um filho pré-adolescente supõe uma série de negociações, responsabilidades e dúvidas dos pais, que se sentem, muitas vezes, ameaçados e inseguros relativamente ao seu papel e ao tipo de autoridade a exercer (Predebon & Wagner, 2005). Segundo evidências empíricas, na pré-adolescência, tende a existir um aumento significativo do conflito pais-filhos, na maioria das vezes provocado pelas exigências de autonomia do pré-adolescente (Collins & Russell, 1991).

Devido a todas estas mudanças que caracterizam a pré-adolescência, esta fase particular do desenvolvimento do jovem poderá influenciar a relação entre coparentalidade e estilos parentais. Neste sentido, Feinberg (2002) afirma que a relação de coparentalidade poderá sofrer maiores variações do que nas restantes na entrada para adolescência, devido às características particulares desta etapa.

O estudo

A presente investigação pretende comparar a relação entre coparentalidade e estilos parentais educativos no contexto rural e urbano, em casais casados ou a viver em união de facto, com filhos pré-adolescentes. Relativamente aos estilos parentais educativos, serão apenas estudados os estilos autoritativo e autoritário, o estilo permissivo foi excluído por apresentar baixos níveis de consistência interna.

Consideram-se assim dois objectivos específicos: 1) analisar a relação entre as dimensões cooperação, conflito e triangulação da coparentalidade, e os estilos autoritativo e autoritário; e 2) testar o papel moderador do contexto (rural e urbano) na associação entre as variáveis de coparentalidade e os estilos parentais educativos. Não foram criadas hipóteses, atendendo às poucas evidências empíricas, o estudo do papel moderador do contexto (rural/urbano) na relação entre coparentalidade e estilos parentais educativos é exploratório.

MÉTODOS

Participantes

O estudo foi realizado com uma amostra de 200 casais (100 residentes em contexto rural e 100 residentes em contexto urbano), casados ou em união de facto, com filhos pré-adolescentes (9-13 anos).

A parte da amostra relativa ao contexto rural contemplava 103 casais, mas após análises preliminares, 3 casais foram excluídos do presente estudo, por não corresponderem aos critérios de inclusão necessários. Já a parte da amostra relativa ao contexto urbano foi extraída aleatoriamente de uma amostra total de 530 casais (recolhida anteriormente no âmbito de uma investigação mais abrangente relativa ao estudo da associação entre a relação conjugal e as interações pais-filhos), de onde foram extraídos aleatoriamente 103 casais, sendo que 3 casais foram retirados por evidenciarem efeito *outlier* e/ou não corresponderem aos critérios de inclusão.

A amostra foi recolhida em Portugal, sendo que a parte da amostra relativa ao contexto rural foi recolhida na região de Lisboa e Vale do Tejo (sub-região Médio Tejo) e região Autónoma da Madeira, mais concretamente, em 39 aldeias pertencentes a 6 concelhos do Distrito de Santarém (30 aldeias do concelho de Ourém (82%), 1 do concelho de Constância (3%), 2 do concelho de Vila Nova da Barquinha (2%), 3 do concelho de Torres Novas (6%), 1 do concelho de Abrantes (1%) e 1 do concelho de Alcanena (4%) e a 1 concelho da Região Autónoma da Madeira (1 aldeia do concelho de Santa Cruz (2%). A parte relativa ao contexto urbano foi recolhida na região de Lisboa e Vale do Tejo, 17 (17%) casais residentes na zona de Lisboa e Vale do Tejo e, 83 (83%) casais residentes na zona Litoral Oeste.

Cada parte da amostra é 100 casais, sendo 100 mulheres e 100 homens. As idades dos participantes estão compreendidas entre os 26 e os 53 anos, sendo na parte da amostra do contexto rural a idade média dos homens é 40 anos ($SD = 4.25$) e das mulheres é 38 anos ($SD = 4.13$), e na parte da amostra do contexto urbano a idade média dos homens é 42 anos ($SD = 5.61$) e das mulheres é 39 anos ($SD = 5.11$).

Na parte da amostra do contexto rural 96 casais (96%) são casados e 4 (4%) são vivem em união de facto, na parte da amostra do contexto urbano 91 casais (91%) são casados e 9 (9%) vivem em união de facto. Os casais residentes em contexto rural têm entre 1 e 3 filhos ($M = 1.92$; $SD = 0.53$), os participantes residentes em contexto urbano têm entre 1 e 4 filhos ($M = 1.99$; $SD = 0.80$).

Os casais têm filhos pré-adolescentes com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, sendo que no contexto rural a idade média é 10 anos ($SD = 1.20$), e no contexto urbano a idade média é 11 anos ($SD = 0.97$).

No que diz respeito ao sexo dos filhos pré-adolescentes, relativamente ao contexto rural 48 (48%) são do sexo masculino e 52 (52%) são o sexo feminino, e relativamente ao contexto urbano 44 (44%) são do sexo masculino e 56 (56%) são do sexo feminino.

Procedimento

A amostra total de participante foi obtida em momentos distintos, a parte da amostra relativa ao contexto urbano já tinha sido recolhida no âmbito do estudo sobre a associação entre a relação conjugal e as interações pais-filhos (Pedro, 2012) e a parte relativa ao contexto rural foi recolhida este ano no âmbito deste estudo.

Para a recolha dos dados em contexto urbano ($n=100$ casais), os participantes foram recrutados em 14 escolas. A aprovação ética e o consentimento informado foram obtidos junto do Conselho Executivo de cada uma das escolas, previamente ao início do estudo. Após recolhidas as respectivas autorizações das escolas para se iniciar o estudo, os pais eram contactados por intermédio dos seus filhos, através da distribuição de cartas aos alunos do 5º ano e do 6º anos, descrevendo o estudo e convidando as famílias a participarem. Todos os pais entregaram o consentimento informado de que iam participar num estudo sobre a associação entre a relação conjugal e as interações pais-filhos. Os questionários dos pais eram enviados para casa através dos filhos, num envelope selado. Cada envelope continha dois protocolos (um para o pai outro para a mãe), com instruções para os progenitores responderem em separado e de forma independente. De modo a clarificar eventuais dúvidas que pudessem surgir, o contacto do investigador principal era fornecido. Os questionários eram devolvidos através de envelopes pré-pagos facultados juntamente com os protocolos, ou entregues ao professor da criança. Os questionários eram anónimos e os participantes eram assegurados de que os dados recolhidos iriam ser utilizados apenas para fins de investigação.

Para a recolha da outra parte da amostra, em contexto rural ($n=100$ casais), a amostra foi obtida através de um processo de amostragem não probabilístico, sendo uma amostragem de conveniência, conseguida através de método de propagação geométrica

(bola de neve) (Maroco, 2007). A recolha dos dados em contexto rural decorreu entre Janeiro e Maio de 2013. Como critério de inclusão na parte da amostra relativa ao contexto rural, os participantes tinham que residir em áreas rurais (áreas com um limite superior de 10000 habitantes), fossem casados ou vivessem em união de facto e tivessem filhos pré-adolescentes (9 a 13 anos). Os protocolos de investigação, foram administrados sob a supervisão da investigadora. A aplicação do protocolo decorreu da seguinte forma: os objectivos do estudo foram explicados aos participantes e os consentimentos informados foram obtidos junto dos participantes, por escrito, seguindo-se o preenchimento de forma autónoma, pelo participante/ colaboradora. Sempre que solicitada ajuda, pelo participante, relativamente ao protocolo de investigação, este era pessoalmente assistido pela investigadora/ colaboradora.

Instrumentos

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (versão auto-relato)

O *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)* (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; versão portuguesa de Pedro, Ribeiro, & Carapito, 2013). É um instrumento de auto-relato composto por 32 itens, cotados numa escala de Likert de 5 pontos, de 1 (“*Nunca*”) a 5 (“*Sempre*”). O QDEP é composto por três subescalas, as quais avaliam os três estilos parentais da tipologia de Baumrind (1971): o estilo autoritativo, o estilo autoritário e o estilo permissivo. A escala do estilo autoritativo é composta por 15 itens e compreende 3 subescalas, cada uma com 5 itens: (1) ligação (e.g., “*Tenho momentos de grande afectividade e carinho com o meu filho*”); (2) regulação (e.g., “*Explico as consequências do comportamento ao meu filho*”; e (3) autonomia (e.g., “*Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares*”). A escala do estilo autoritário é constituída por 12 itens e inclui igualmente 3 subescalas, cada uma com 4 itens: (1) coerção física (e.g., “*Bato ao meu filho quando ele é desobediente*”; (2) hostilidade verbal (e.g., “*Quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito*”); e (3) punição (e.g., “*Castigo o meu filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações*”). A escala do estilo parental permissivo é composta por 5 itens e não inclui subescalas (e.g., “*Estrago o meu filho com mimos*”). Resultados elevados em cada uma das escalas reflectem um uso mais frequente de práticas parentais associadas a um estilo parental autoritativo, autoritário ou permissivo. O QDEP apresentou níveis adequados de consistência interna ao nível dos estilos

autoritativo e autoritário: α autoritativo mães = .74, α autoritativo pais = .90, α autoritário mães = .76, α autoritário pais = .67). O nível de consistência interna da escala do estilo permissivo verificou-se abaixo dos valores considerados adequados (α permissivo mães = .54 e α permissivo pais = .58), pelo que as análises procederam apenas com as escalas dos estilos autoritário e autoritativo.

Questionário de Coparentalidade

O Questionário de Coparentalidade (QC) (Margolin, Gordis & John, 2001; versão portuguesa de Pedro & Ribeiro, 2013) é um questionário de hetero-relato construído para avaliar as percepções dos pais relativamente ao desempenho das funções e responsabilidades do cônjuge/parceiro enquanto pai. As respostas avaliam a percepção do próprio acerca do comportamento do parceiro na relação coparental. O QC é composto por 14 itens, cotados numa escala de Likert de cinco pontos, em 0 1 (“Nunca”) a 5 (“Sempre”). O QC é composto por 14 itens, e inclui três escalas: a *cooperação* (5 itens), a *triangulação* (4 itens) e o *conflito* (5 itens). A cooperação refere-se ao nível com que os elementos do casal se apoiam e respeitam enquanto pais. A triangulação diz respeito ao grau em que um dos pais cria um aliança com o filho que menospreza ou exclui o outro progenitor ou põe em causa a sua autoridade parental. Por fim, a dimensão conflito diz respeito ao conflito interparental relativo a assuntos que dizem respeito à educação dos filhos e o menosprezo mútuo enquanto pais (Margolin et al., 2001). O QC apresentou níveis adequados de consistência interna: α cooperação mães = .85, α cooperação pais = .81, α conflito mães = .74, α conflito pais = .70, e a triangulação apresenta uma α triangulação = .76, α triangulação mães = .75.

Questionário Sócio- Demográfico

O questionário sócio-demográfico incluía questões de resposta curta acerca dos dados sócio-demográficos (e.g. sexo, idade, profissão, nível de escolaridade, estado civil, zona de residência) e familiares dos participantes (e.g. número de filhos, idade e sexo, apoio familiar).

Análises estatísticas

As análises estatísticas foram conduzidas através do *Statistical Package for Social Sciences*, versão 21 (SPSS, Inc., Chicago, IL). Numa primeira fase, foi realizada a análise descrita dos dados (médias e desvios-padrão). Os valores omissos foram tratados através da utilização algorítmico “Expectation Maximization” (EM), tal como

recomendado por Tabacnick, Fidell, & Osterlind (2001). Seguidamente, para a análise das relações entre a coparentalidade (cooperação, conflito e triangulação) e os estilos parentais autoritativo e autoritário foi necessário verificar a existência de normalidade das distribuições das diversas variáveis em estudo. Para este efeito, foi feita a análise dos coeficientes de assimetria (Skewness) e achatamento (Kurtosis) e da representação gráfica nos diagramas QQ Plots. Através desta análise foi verificado que se pode admitir que todas as variáveis em estudo seguem uma distribuição normal, excepto o estilo parental autoritativo da mãe. Desta forma, procedeu-se à transformação da variável estilo parental autoritativo da mãe, através do cálculo \log_{10} , foi verificado que se pode admitir que a também variável estilo parental autoritativo da mãe segue uma distribuição normal. Posteriormente, para o teste do modelo proposto, conduziram-se regressões múltiplas e utilizou-se o procedimento de *bootstrapping* (Preacher & Hayes, 2008; Hayes, 2013), de acordo com o qual são estimados os efeitos condicionais baseados num intervalo de confiança de 95%. A *macro PROCESS* do *SPSS* foi usada para testar os efeitos principais e de interação, testando-se o modelo 1 de Hayes (2013) (ver Figuras 1 e 2).

RESULTADOS

Análises descritivas

As análises descritivas e correlações das variáveis em estudo são apresentadas nas Tabelas 3 e 4.

As estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) e as correlações entre as variáveis em estudo encontram-se nas Tabela 3 e 4.

As análises de correlação indicaram que a cooperação foi associada com o estilo parental autoritário numa direcção positiva. A cooperação foi ainda associada negativamente com o conflito. O conflito demonstrou uma associação positiva com o estilo parental autoritário e negativa com o estilo parental autoritativo. A triangulação foi associada com o conflito numa direcção positiva e com a cooperação numa direcção negativa. A triangulação foi ainda associada negativamente com o estilo parental autoritativo. Relativamente à relação entre moderador (rural/ urbano) e as variáveis, o primeiro foi associado negativamente com o conflito e positivamente com a cooperação e o estilo parental autoritativo.

Tabela 3.*Intercorrelações entre dimensões de coparentalidade e estilos parentais nos pais (N = 200)*

Variável	1	2	3	4	5	6
<i>Estilos Parentais</i>						
1. Autoritário	-					
2. Autoritativo	-.106	-				
<i>Coparentalidade</i>						
3. Cooperação	-.062	.456**	-			
4. Conflito	.220**	-.327**	-.462**	-		
5. Triangulação	.112	-.151*	-.274**	.234**	-	
<i>Moderador</i>						
6. Rural/Urbano	-.361	.151*	.211**	-.172**	-.082	-
<i>Mean</i>	1.86	3.82	4.05	1.87	1.118	.50
<i>SD</i>	.386	.658	.656	0.555	.381	.501

Nota: .* $p < .05$. ** $p < .01$

Tabela 4.*Intercorrelações entre dimensões de coparentalidade e estilos parentais nas mães (N = 200)*

Variável	1	2	3	4	5	6
<i>Estilos Parentais</i>						
1. Autoritário	-					
2. Autoritativo	-.160*	-				
<i>Coparentalidade</i>						
3. Cooperação	-.218**	.367**	-			
4. Conflito	.263**	-.275**	-.471	-		
5. Triangulação	.168*	-.231**	-.396**	.456**	-	
<i>Moderador</i>						
6. População	-.200**	.294**	.134	-.085	-0.86	-
<i>Mean</i>	1.86	3.82	4.05	1.87	1.18	.50
<i>SD</i>	.386	.658	.656	.555	.381	.501

Nota: * $p < .05$. ** $p < .01$

Efeitos principais

No que diz respeito aos efeitos principais entre as variáveis em estudo, foram observados efeitos principais entre a cooperação e o estilo parental autoritativo tanto no modelo das mães ($B=.18$; $t = 3.29$; $p <.05$), como no modelo dos pais ($B=.39$; $t = 4.75$; $p <.001$). Foram ainda encontrados efeitos principais entre o conflito coparental e o estilo parental autoritário tanto no modelo das mães ($B = -.05$; $t = -.97$; $p <.05$), como no modelo dos pais ($B=.11$; $t = 2.33$; $p <.05$).

Efeitos de interação

Não foram encontradas interações significativas (tanto na mãe como no pai) entre o moderador população (rural/ urbano) e a relação entre a coparentalidade (cooperação, conflito e triangulação) e os estilos parentais autoritativo e autoritário

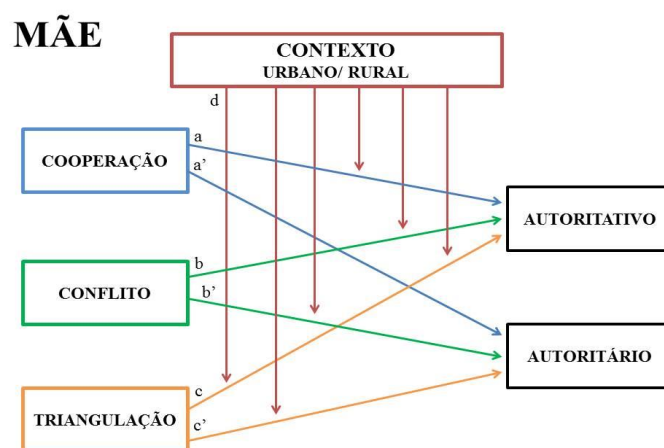


Figura 1. O modelo conceitual proposto a representar o contexto enquanto moderador da relação entre a coparentalidade (VI – cooperação, conflito e triangulação) e os estilos parentais (VD – autoritativo e autoritário) na mãe.

Nota. caminhos a e a' : O efeito total da variável independente (VI_1) cooperação nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminhos b e b' : O efeito total da variável independente (VI_2) conflito nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminhos c e c' : O efeito total da variável independente (VI_3) triangulação nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminho d : O efeito do moderador proposto população (M_1), na relação entre VI e VD.

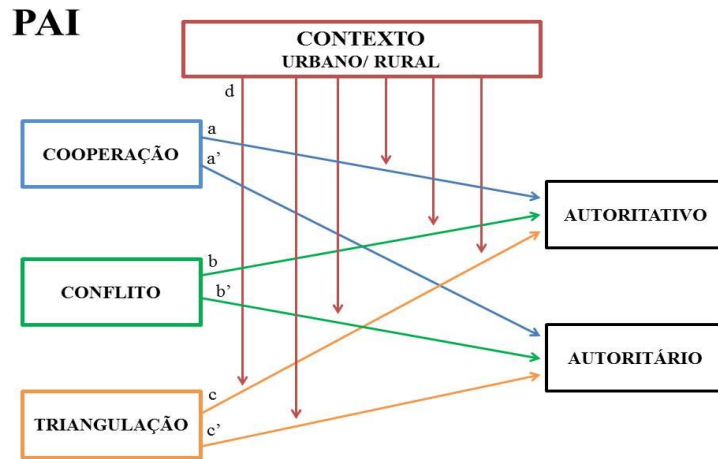


Figura 2. O modelo conceitual proposto a representar o contexto enquanto moderador da relação entre a coparentalidade (VI – cooperação, conflito e triangulação) e os estilos parentais (VD – autoritativo e autoritário) no pai.

Nota. caminhos a e a' : O efeito total da variável independente (VI_1) cooperação nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminhos b e b' : O efeito total da variável independente (VI_2) conflito nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminhos c e c' : O efeito total da variável independente (VI_3) triangulação nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminho d : O efeito do moderador proposto população (M_1), na relação entre VI e VD.

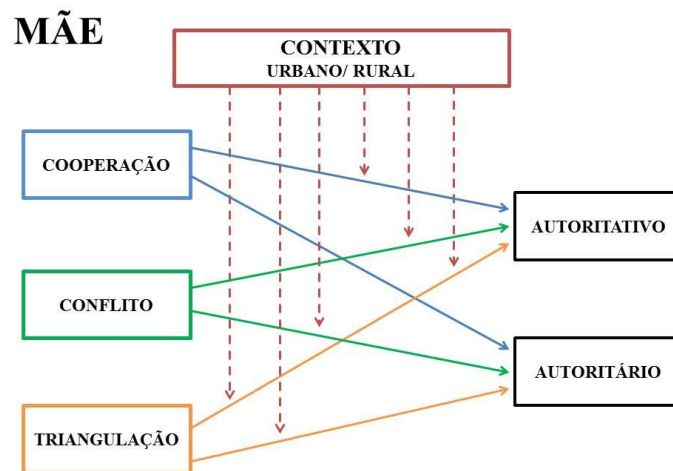


Figura 3. Modelo a representar o efeito de moderação da população na mãe

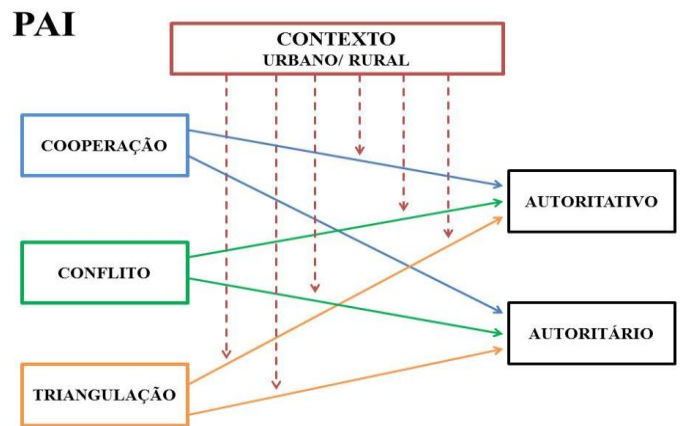


Figura 4. Modelo a representar o efeito de moderação da população no pai

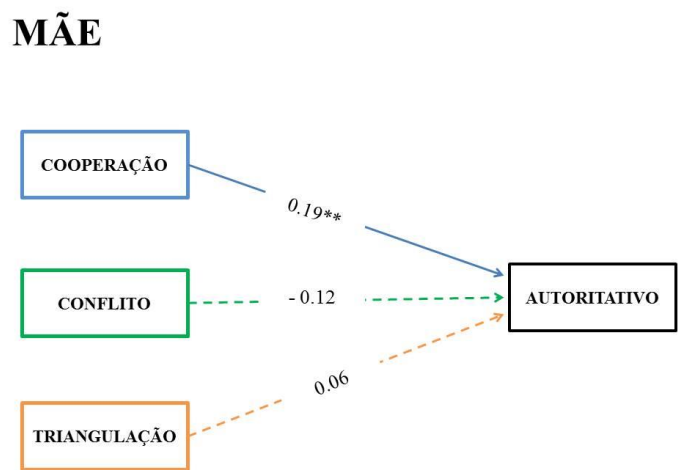


Figura 5. Modelo a representar a relação entre a coparentalidade (VI – cooperação, conflito e triangulação) e o estilo parental (VD – autoritativo) na mãe
 ** $p < .01$

PAI

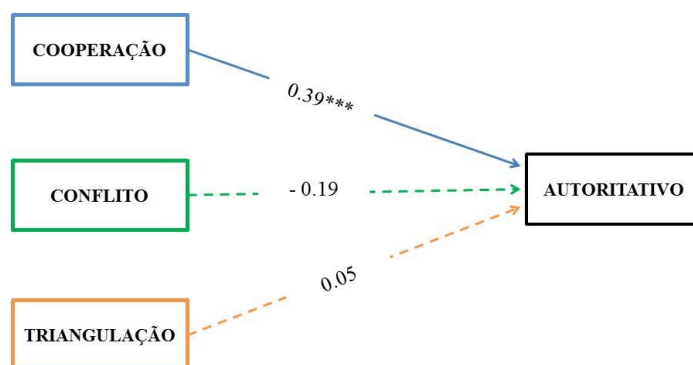


Figura 6. Modelo a representar a relação entre a coparentalidade (VI – cooperação, conflito e triangulação) e o estilo parental (VD – autoritativo) no pai
*** $p < .001$

MÃE

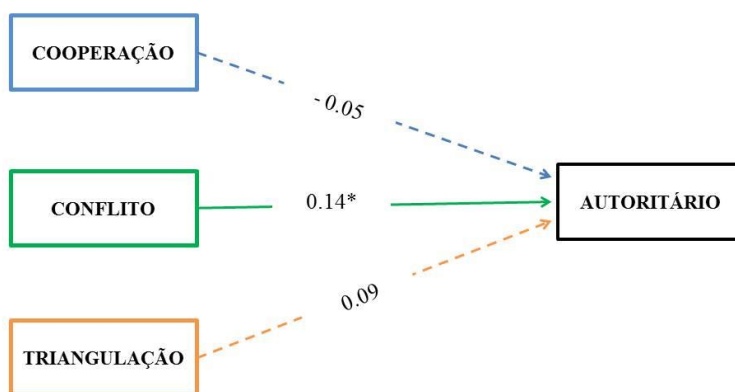


Figura 7. Modelo a representar a relação entre a coparentalidade (VI – cooperação, conflito e triangulação) e o estilo parental (VD – autoritário) na mãe.
* $p < .05$

PAI

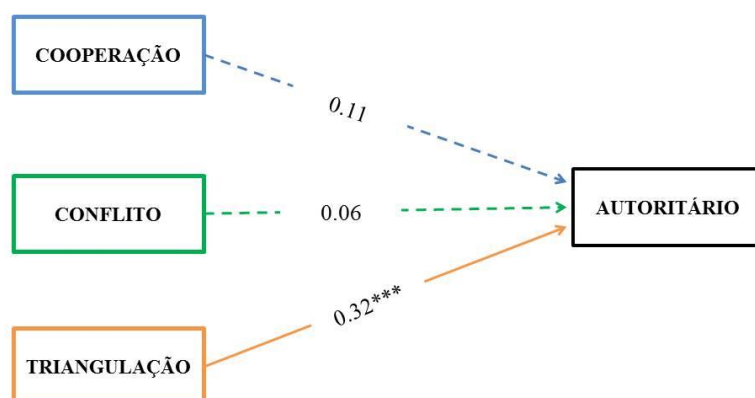


Figura 8. Modelo a representar a relação entre a coparentalidade (VI – cooperação, conflito e triangulação) e o estilo parental (VD – autoritário) na mãe.

*** $p < .001$

DISCUSSÃO

O presente estudo pretende contribuir para aumentar a reduzida investigação, anteriormente realizada, sobre o papel moderador do contexto (rural/ urbano) na relação entre coparentalidade e estilos parentais educativos. Assim, como referido anteriormente, o objetivo geral deste estudo pretendia investigar a relação entre a coparentalidade e os estilos parentais educativos, bem como testar o papel moderador do contexto de residência (rural ou urbano), em casais casados ou em união de facto, com filhos pré-adolescentes.

Um dos objetivos específicos, foi analisar a relação entre as dimensões cooperação, conflito e triangulação da coparentalidade, e os estilos parentais educativos autoritativo e autoritário. Os resultados revelaram a existência de relação entre a coparentalidade e os estilos parentais educativos, indo ao encontro com a literatura. Segundo Vaughn (2000), a coparentalidade exercida de uma forma positiva e negativa parece influenciar diretamente os estilos parentais educativos. No presente estudo, a cooperação relaciona-se positivamente com o estilo parental autoritativo, tanto nos pais como nas mães. Os resultados encontrados vão de encontro a evidências empíricas anteriores de Abidin e Brunner (1995), que encontraram uma relação positiva entre a coparentalidade e o estilo parental autoritativo, em ambos os progenitores. Os resultados

mostram uma relação positiva entre o conflito coparental e a triangulação. De forma consistente com estudos anteriores (Fauber et al., 1990), pode concluir-se que conflito coparental se relaciona positivamente com comportamentos parentais negativos, como a triangulação e o estilo parental educativo autoritário. Por outro lado, verificou-se que a triangulação se relacionava com comportamentos parentais negativos, como o conflito parental. As relações entre as variáveis da coparentalidade e as dos estilos parentais educativos vão de encontro à hipótese de *spillover*, a transferência de afecto e comportamentos da relação conjugal para a interação pais-filhos (Engfer, 1988). Parece que quando há conflito os pais tendem a exibir práticas parentais mais negativas, num estilo parental autoritário e que quando existe cooperação os pais tendem a exibir práticas parentais mais positivas, num estilo autoritativo.

O segundo objetivo específico desta investigação foi verificar o efeito moderador do contexto (rural/ urbano) na relação entre a coparentalidade (cooperação, conflito e triangulação) e os estilos parentais (autoritário e autoritativo). Recordando evidências empíricas da influência do contexto nas práticas parentais (Belsky, 1984, 1993; Brofenbrenner, 1979; Caughy et al., 2001; Gonzales et al., 1996; Duncan, et al., 1994; Shook, 2008), é possível dizer que, no presente estudo, os resultados contrariaram essa tendência, uma vez que o contexto (rural/ urbano) revelou não moderar a relação entre as diferentes dimensões da coparentalidade e os estilos parentais autoritário e autoritativo. Os presentes resultados parecem ir ao encontro de estudos anteriores como o de Schumm e Bollman (1981), que demonstraram que as relações familiares em contexto rural e urbano não diferem substancialmente. Neste sentido, Coleman et al. (1989) sugerem que é esperável que nas áreas urbanas e nas áreas rurais as percepções relativamente à educação dos filhos seja semelhante. Uma possível explicação, poderá estar relacionada com alguns aspectos que, com o passar dos anos, tornam a diferença entre as áreas rurais e as áreas urbanas cada vez menor (Saraceno, 1994; Solla, 2002). Factores como uma maior urbanização, um maior universalismo dos comportamentos e uma intensificação da relação com o mercado levaram à transformação do contexto rural e conseqüente aproximação deste do contexto urbano (Reis, 2001). Aspectos como a educação uniformizada, melhores meios de transporte, diminuem o isolamento das zonas rurais e acesso a muita da informação que chega das áreas urbanas, actualmente a informação recebida nas áreas urbanas é muito semelhante á recebida pelas áreas rurais (Sauer, 1998). Segundo Baptista (1996), o contexto rural tende a moldar-se a partir do contexto urbano, tendo em conta o progresso, as vias de comunicação, as novas

tecnologias e a conseqüente difusão de ideias, o contexto rural sofre recebe influências do contexto urbano. O contexto urbano apresenta esquemas mentais e ideológicos, motivações e modelos comportamentais distintos dos inicialmente ligados à ruralidade, pelo que se pode esperar que a influência deste contexto, no contexto rural, conduza a um novo sistema de valores e normas de comportamento das populações rurais. Assim, tendo em conta o fenómeno da globalização, Cordovil (1995) defende que a dicotomia contexto rural e contexto urbano parece deixar de fazer sentido dada a realidade contemporânea dos países desenvolvidos, uma vez que a interdependência entre os dois contextos é importante para o desenvolvimento e evolução da sociedade.

A par da globalização e conseqüente aproximação dos contextos rural e urbano, outra possível explicação para não terem sido encontradas diferenças entre os dois contextos é a heterogeneidade das próprias zonas rurais. Em Portugal é possível observar, dentro do contexto rural, uma diversidade de territórios que vão do considerado rural periurbano ao rural profundo (Cavaco, 2009), uma tipificação da ruralidade e do contexto rural que varia das áreas mais remotas até áreas rurais próximas das áreas metropolitanas e dos centros urbanos regionais. Note-se que a maioria da amostra rural foi recolhida em zonas rurais do centro país, e apesar da pouca proximidade das áreas metropolitanas e dos centros urbanos regionais, essas zonas também não são tão remotas. Desse modo, existe a possibilidade de as diferenças apontadas pela literatura entre os contextos rurais e urbanos, considerem as áreas rurais mais remotas. Considerando essa hipótese, a heterogeneidade das áreas consideradas contexto rural poderá ter afectado o papel moderador do contexto na relação entre a coparentalidade e os estilos parentais.

Outra possível explicação, para não terem sido encontradas diferenças entre os rurais e urbanos, contrariamente às evidências empíricas, é o facto da maioria dos estudos da parentalidade em contextos rurais e urbanos (e.g. Armistead, Forehand, Brody, & Maguen, 2002; Jones, Forehand, O'Connell, Armistead, & Brody, 2006), a população rural ser caracterizada por exposição a elevados níveis de risco, a níveis socioeconómicos baixos e a minorias étnicas. Estudos futuros deveriam controlar as influências únicas da ruralidade, da exposição ao risco, do nível socioeconómico e das minorias étnicas, isolando as contribuições distintas de cada um destes factores que, ao serem investigados sem serem diferenciados poderão enviesar os resultados obtidos.

Limitações e investigações futuras

Algumas limitações devem ser consideradas aquando da interpretação dos resultados do presente estudo. Em primeiro lugar, o reduzido tamanho da amostra (100 casais residentes em contexto urbano e 100 casais contexto rural) poderá ter comprometido a generalização dos resultados e contribuído para resultados de moderação não significativos. Por outro lado, a utilização de uma amostra de conveniência poderá ter influenciado os resultados obtidos, diminuindo o poder de generalização dos mesmos. O facto da recolha da amostra rural se ter concentrado maioritariamente na zona centro do país, poderá também ter comprometido o efetivo alcance das características reais da população deste contexto e, conseqüentemente, a abrangência a nível nacional. Talvez o estudo em zonas rurais mais remotas, possa levar a outros resultados ao nível do papel moderador da população.

Em quarto lugar, amostra consistia em casais casados ou em união de facto com filhos pré-adolescentes (9-13 anos), o que deve ser tido em conta na generalização destes resultados a famílias noutra fase do ciclo de vida familiar. Replicar este estudo a pais com filhos de outras idades e comparar diferenças entre idades.

Por último, salientar que neste estudo apenas foram utilizados instrumentos de auto-relato, o que limitou uma análise mais completa da coparentalidade e dos estilos parentais educativos, seria importante recolher informações junto dos filhos sobre a percepção que tem da relação coparental e dos estilos parentais educativos adoptados pelos progenitores.

Em investigações futuras seria interessante estender a recolha da amostra a outras zonas rurais e urbanas do país e analisar novamente a comparação da relação entre a coparentalidade e os estilos parentais educativos nas duas amostras e verificar que se com o aumento da amostra, o contexto tem influência nessa relação. Propõe-se ainda o estudo de outros factores do contexto urbano e rural que poderão ser preditores de eventuais diferenças na relação coparentalidade e os estilos parentais educativos (*e.g.* o envolvimento na comunidade, redes sociais de apoio e o nível de perigosidade percebido). Seria também interessante a análise do papel moderador do sexo do filho na relação entre coparentalidade e estilos parentais em contextos rurais e urbanas. Igualmente interessante, a análise dos efeitos de *cross-over* entre pais e mães, no que diz respeito à possível influência do comportamento de um dos progenitores nas interações progenitor-criança.

REFERÊNCIAS

- Abidin, R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of clinical child psychology, 21*(4), 407-412.
- Abidin, R. R. & Brunner, J. F. (1995). Development of a parenting alliance inventory. *Journal of Clinical and Child Psychology, 24*(1), 31-40.
- Alarcão, M. (2002). *Desequilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Armistead, L., Forehand, R., Brody, G., & Maguen, S. (2002). Parenting and child psychosocial adjustment in single-parent African American families: Is community context important?. *Behavior Therapy, 33*(3), 361-375.
- Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of adolescence, 23*(2), 205-222.
- Baptista, F. (1996). Declínio de um tempo longo. In J. Brito, F. Baptista & E. Pereira (Eds.), *O Voo do Arado* (pp.35-75). Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs, 75*(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971): Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs, 4*, 1-102.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: a developmental-ecological analysis. *Psychology Bulletin, 22*(6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1989). The ecology of developmental processes. In W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (Vol. 1, pp. 993-1028). New York: Wiley.
- Buchanan, C., Eccles, J., Flanagan, C., Midgley, C., Feldlaufer, H., & Harold, R. (1990). Parents' and teachers' beliefs about adolescents: Effects of sex and experience. *Journal of Youth and Adolescence, 19*(4), 363-394.
- Brown, R., Copeland, W., Costello, J., Erkanli, A., & Worthman, C. (2009). Family and community influences on educational outcomes among Appalachian youth. *Journal of Community Psychology, 37*(7), 795-808.

- Burman, B., John, R., & Margolin, G. (1987). Effects of marital and parent-child relations on children's adjustment. *Journal of Family Psychology*, 1, 91–108.
- Caldera, Y. M., & Lindsey, E. W. (2006). Coparenting, mother-infant interaction, and infant-parent attachment relationships in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 275.
- Caughy, M. O., Brodsky, A. E., O'Campo, P. J., & Aronson, R. (2001). Perceptions of parenting: Individual differences and the effect of community. *American Journal of Community Psychology*, 29, 679-699.
- Cavaco, C. (2009). Os espaços rurais como espaços de vida: mobilidades residenciais e novas formas de habitar. In F. Baptista, R. Jacinto & T. Mendes (Eds.). *Os territórios de baixa densidade em tempos de Mudança*. Câmara Municipal de Proença a Nova, Centro de Ciência Viva da Floresta.
- Cohen, R., & Weissman, S. (1984). The parenting alliance. *Parenthood: A psychodynamic perspective*, 33-49.
- Coleman M., Ganong L., Clark J. & Madsen, R. (1989) Parenting perceptions in rural and urban families: Is there a difference? *Journal of Marriage and the Family*, 51, 329–335.
- Collins, W. A., Maccoby, E., Steinberg, L., Hetherington, E., & Bornstein, M. (2000). Contemporary research on parenting: the case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55 (2), 218-232.
- Collins, W. A., & Russell, G. (1991). Mother-child and father-child relationships in middle childhood and adolescence: A developmental analysis. *Developmental Review*, 11(2), 99-136.
- Conger, R., Ge, X., Elder, G., Jr., Lorenz, F., & Simons, R. (1994). Economic stress, coercive family process, and developmental problems of adolescents. *Child Development*, 65, 541–561.
- Cordovil, F. (1995, Dezembro). *Desenvolvimento rural e conservação do campo*. Comunicação no colóquio Os recursos agrários, o mundo rural e a conservação do ambiente, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.
- Crockett, L. J., Shanahan, M. J., & Jackson-Newsom, J. (2000). Rural youth: Ecological and life course perspectives. *Adolescent diversity in ethnic, economic, and cultural contexts*, 43-74.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade* (1ªed.). Coimbra: Quarteto.

- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2002). *Developmental psychopathology and family process: Theory, research and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 11* (3), 487-496.
- Duncan, G. J., Brooks-Gunn, J., & Klebanov, P. K. (1994). Economic deprivation and early childhood development. *Child Development, 65*, 296–318.
- Elias, H. T. & Huey, Y. (2009) Relationship between perceived paternal and maternal parenting styles and student academic achievement in selected secondary schools. *European Journal of Social Sciences, 9*, 181-192.
- Engfer, A. (1988). The interrelatedness of marriage and the mother-child relationship. In R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships with families: Mutual influences* (pp. 83-103). New York, NY: Oxford University Press.
- Fauber, R., Forehand, R., Thomas, A., & Wierson, M. (1990). A mediational model of the impact of marital conflict on adolescent adjustment in intact and divorced families: The role of disrupted parenting. *Child Development, 61*, 1112-1123.
- Feinberg, M. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review, 5*(3), 173- 195.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice, 3*(2), 95-131.
- Feinberg, M. & Kan, M. (2008). Establishing family foundations: Intervention effects on coparenting, parent/infant well-being, and parent-child relations. *Journal of Family Psychology, 22* (2), 253-263.
- Fincham, F. D., Grych, J. H., & Osborne, L. (1994). Does marital conflict cause child maladjustment? Directions and challenges for longitudinal research. *Journal of Family Psychology, 8*, 128–140.
- Floyd, F. J., Gilliom, L. A., & Costigan, C. L. (1998). Marriage and the parenting alliance: Longitudinal prediction of change in parenting perceptions and behaviors. *Child Development, 69*(5), 1461-1479.
- Frosch, C. A., Mangelsdorf, S. C., & McHale, J. L. (2000). Marital behavior and the security of preschooler–parent attachment relationships. *Journal of family psychology, 14*(1), 144.

- Gable, S., Crnic, K., & Belsky, J. (1994). Coparenting within the family system: Influences on children's development. *Family Relations*, 380-386.
- Grolnick, W. S., & Ryan, R. M. (1989). Parent styles associated with children's self-regulation and competence in school. *Journal of educational psychology*, 81(2), 143.
- Gonzales, N. A., Cauce, A. M., Friedman, R. J., & Mason, C. A. (1996). Family, peer, and neighborhood influences on academic achievement among African-American adolescents: One-year prospective effects. *American journal of community psychology*, 24(3), 365-387.
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. New York: Guilford Press.
- Hennessy, E., Hughes, S. O., Goldberg, J. P., Hyatt, R. R., & Economos, C. D. (2012). Permissive parental feeding behavior is associated with an increase in intake of low-nutrient-dense foods among American children living in rural communities. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, 112(1), 142-148.
- Hetherington, E. M. (1979). Divorce: A child's perspective. *American Psychologist*, 34, 851-858.
- Holden, G., & Ritchie, K. (1991). Linking extreme marital discord, child rearing, and child behavior problems: Evidence from battered women. *Child development*, 62(2), 311-327.
- Imig, D. R. (1983). Urban and Rural Families: A Comparative Study of the Impact of Stress on Family Interaction. *Research in Rural Education*, 1(2), 43-46.
- Jones, D. J., Foster, S., Forehand, G., & O'Connell, C. (2005). Neighborhood violence and psychosocial adjustment in low-income urban African American children: Physical symptoms as a marker of child adjustment. *Journal of Child and Family Studies*, 14(2), 237-249.
- Jones, D. J., Forehand, R., O'Connell, C., Armistead, L., & Brody, G. (2006). Mothers' perceptions of neighborhood violence and mother-reported monitoring of African American children: An examination of the moderating role of perceived support. *Behavior Therapy*, 36(1), 25-34.
- Kandel, D. B. (1990). Parenting styles, drug use, and children's adjustment in families of young adults. *Journal of Marriage and the Family*, 183-196.

- Konold, T.R., & Abidin, R.A. (2001). Parenting alliance: A multifactor perspective. *Assessment, 8*, 47-65.
- Langhout, R., Osborne, L., & Rhodes, J. (2004). An Exploratory Study of Youth Mentoring in an Urban Context: Adolescents' Perceptions of Relationship Styles. *Journal of Youth and Adolescence, 33*(4), 293-306.
- Lerner, R., Noh, R. E., & Wilson, C. (1998, April). The parenting of adolescents and adolescents as parents: A developmental contextual perspective. In *Proceedings of the conference held in Madison, Wisconsin*.
- Leventhal, T., Fauth, R., & Brooks-Gunn, J. (2005). Neighbourhood poverty and public policy: a 5-year follow-up children's educational outcomes in the New York city moving opportunity demonstration. *Developmental Psychology, 41*, 933-952.
- Lindsey, E. W., & Mize, J. (2001). Contextual differences in parent-child play: Implications for children's gender role development. *Sex Roles, 44*(3-4), 155-176.
- McHale, J., Kuersten-Hogan, R., Lauretti, A. & Rasmussen, J. (2000). Parental reports of coparenting and observed coparenting behavior during the toddler period. *Journal of Family Psychology, 14*, 220-237.
- Margolin, G., Gordis, E.B. & John, R.S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology, 15*(1), 3-21.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS (3ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Miller, M. K. & Crader, K.W. (1979). Rural-Urban Differences in Two Dimensions of Community Satisfaction. *Rural Sociology 44*(3), 489-504.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias, Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- OCDE (1994). *Tourism strategies and rural development*. OCDE/GD (94)49. Paris.
- OCDE (1996). *Territorial indicators of employment: Focusing on rural development*. Paris.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior research methods, 40*(3), 879-891.

- Pedro, M. M. (2013). *Relação conjugal e relação pais-filhos: estudo de variáveis mediadoras e moderadoras*. Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Pedro, M., Ribeiro, M. T., & Carapito, E. (2013). *Parenting styles and dimensions questionnaire: Versão de autorrelato*. Manuscrito submetido para publicação (2ª revisão).
- Pedro, M., & Ribeiro, M. T. (2013). Análise Factorial Confirmatória do Coparenting Questionnaire – Versão Portuguesa. Manuscrito submetido para publicação (2ª revisão).
- Pinderhughes, E. E., Nix, R., Foster, E. M., & Jones, D. (2001). Parenting in context: Impact of neighborhood poverty, residential stability, public services, social networks, and danger on parental behaviors. *Journal of Marriage and Family*, 63(4), 941-953.
- Predebon, J. C. F., & Wagner, A. (2005). Problemas de comportamento na adolescência: configuração familiar e aspectos sociodemográficos. *Revista Práxis*, 2(2), 1-11.
- Reis, J. (2001). Observar a Mudança: o papel dos Estudos Rurais. *Oficina do CES*, 165.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (2001). The parenting styles and dimension questionnaire (PSQD). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of Family Measurement Techniques*, Vol.3: Instruments & Index (pp.319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Saraceno, E. (1994). Recent trends in rural development and their conceptualisation. *Journal of Rural Studies*, 10(4), 321-330.
- Stoneman, Z., Brody, G. H., & Burke, M. (1989). Marital quality, depression, and inconsistent parenting: Relationship with observed mother-child conflict. *American Journal of Orthopsychiatry*, 59, 105–117.
- Sauer, C. A (1998). Morfologia da paisagem. In R. Corrêa, & Z. Rosendahl (Eds.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EURJ.
- Schumm, W. R., & Bollman, S. R. (1981). Interpersonal processes in rural families. In R. T. Coward & W. M. Smith (Eds.), *The family in rural society* (pp. 129-145). Boulder: Westview Press.

- Shook, S. (2008). *The effects of coparenting support and conflict on parenting practices and child psychosocial functioning among single-mother African American families*. Dissertation. The University of North Carolina at Chapel Hill.
- Soifer, R. (1983). *Psicodinamismos da Família com Crianças: Terapia Familiar com Técnicas de Jogo*. Petrópolis: Vozes.
- Solla, X. M. (2002). Turismo rural – tendências e perspectivas. In M. Irving & J., Azevedo (Eds.), *Turismo: desafio da sustentabilidade* (pp.113-129). São Paulo: Futura.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent–adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of research on adolescence*, *11*(1), 1-19.
- Steinberg, L., Mounts, N. S., Lamborn, S. D., & Dornbusch, S. M. (1991). Authoritative parenting and adolescent adjustment across varied ecological niches. *Journal of Research on Adolescence*, *1*(1), 19-36.
- Steinberg, L., & Silk, J. S. (2002). Parenting adolescents. *Handbook of parenting*, *1*, 103-133.
- Straus, M. A. (1960). Family role differentiation and technological change in farming. *Rural Sociology*, *25*, 219-228.
- Tabachnick, B., Fidell, L., & Osterlind, S. (2001). Using multivariate statistics.
- Tendulkar, S., Buka, S., Dunn, E., Subramanian, S., & Koenen, K. (2010). A multilevel investigation of neighborhood effects on parental warmth. *Journal of Community Psychology*, *38*(5), 557–573.
- Willits, F. K. & Bealer, R. (1963) The utility of residence for differentiating social conservation in rural youth, *Rural Sociology*, *28*, 70-80.
- Woodworth, S., Belsky, J., & Crnic, K. (1996). The determinants of fathering during the child's second and third years of life: A developmental analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 679-692.
- Van Egeren, L. & Hawkins, D. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, *11*(3), 165-178.

Tabela 1
Características socio-demográficas da população rural

	Casais (<i>n</i> =100) / Progenitores (<i>n</i> =200)
Sexo dos progenitores (<i>n</i>)	
Feminino	100
Masculino	100
Idade dos progenitores (<i>M/SD</i>)	
Idade das mães	38.09 (4.13)
Idade dos pais	39.94 (4.25)
Estado Civil do casal (<i>n</i>)	
Casado(a)	96
União de facto	4
Residência dos casais (<i>n</i>)	
Concelho de Ourém	82
Concelho de Constância	3
Concelho de Vila Nova da Barquinha	7
Concelho de Torres Novas	6
Concelho de Abrantes	1
Concelho de Alcanena	4
Região Autónoma da Madeira	2
Nº de Filhos do casal (<i>M/SD</i>)	1.92 (0.53)
Idade do Filho pré-adolescente (<i>M/SD</i>)	10.45 (1.20)
Sexo do Filho pré-adolescente do casal (<i>n</i>)	
Feminino	52
Masculino	48

Tabela 2
Características socio-demográficas da população urbana

	Casais ($n=100$) / Progenitores ($n=200$)
Sexo dos progenitores (n)	
Feminino	100
Masculino	100
Idade dos progenitores (M/SD)	
Idade das mães	39.29 (5.11)
Idade dos pais	41.69 (5.61)
Estado Civil do casal (n)	
Casado(a)	91
União de facto	9
Residência dos casais (n)	
Lisboa e Vale do Tejo	17
Zona Litoral Oeste	83
Nº de Filhos do casal (M/SD)	1.99 (0.80)
Idade do Filho pré-adolescente (M/SD)	11.06 (0.97)
Sexo do Filho pré-adolescente do casal (n)	
Feminino	56
Masculino	44